

ENTREVISTA

MARIA GERALDA DE ALMEIDA

Cláudio Benito O. Ferraz

Flaviana G. Nunes

Edvaldo C. Moretti

E-L: Professora, gostaríamos que se apresentasse e colocasse um pouco de sua origem familiar, formação escolar e acadêmico-profissional.

MG: Meu nome é Maria Geralda de Almeida, nasci em 1948, no norte de Minas Gerais, num local que se chama Fernão Dias (povoado), distrito de Brasília de Minas. Uma região considerada do polígono da seca. Os meus pais moravam numa fazenda desse povoado.

Minha família era de pessoas que tinham terras, fazendeiros, meu avô era uma liderança política, foi prefeito. Tinha grande influência na região devido o poder econômico que possuía, além de ser muito bem relacionado com os governadores de Minas Gerais.

Estudei em Montes Claros (MG) e fiz o primeiro ano do ensino superior na Faculdade de Filosofia e Letras de Montes Claros, posteriormente transformada na UNIMONTES e é atualmente universidade estadual. Depois, eu e mais duas colegas pedimos transferência para a UFMG, por termos interesse em fazer um curso diferenciado e contarmos com o apoio do geógrafo Davi Márcio Rodrigues; ele nos incentivou e fomos aceitas na UFMG. Fiz a licenciatura e o Bacharelado e um curso que era, na época, um acordo entre o Brasil e os Estados Unidos da América para formar professores para trabalhar no colégio chamado Polivalente. Fiz um processo seletivo e como fiquei bem classificada permaneci trabalhando em Belo Horizonte depois de concluído este curso.

Atualmente trabalho na UFG (Universidade Federal de Goiás), mas antes trabalhei na Universidade Federal do Ceará, na Universidade Federal de Sergipe, onde fui professora visitante, e na universidade federal do Acre, onde comecei de fato a estar no ensino superior, de 1978 a 1981. Pedi demissão desta última para fazer o mestrado e o doutorado quando

ganhei uma bolsa do governo francês. Quero dizer que fiz um pouco o norte, nordeste e o centro-oeste trabalhando em universidades distintas e o contexto que elas estavam foi importante para a minha construção como geógrafa. No Acre, era uma geografia que estava começando, nós tivemos um movimento muito grande, a universidade, movimento em defesa do meio ambiente, tínhamos um trabalho próximo com os seringueiros, convivíamos com eles. Quando fui para Sergipe já não tinha mais este tipo de preocupação, era outro. No Ceará me envolvi muito com a AGB, fui da diretoria da AGB e trabalhei nas várias comissões da mesma.

E-L: Quais pensadores considera como importantes para a sua concepção de Geografia?

MG: Paul Claval, para mim, é uma referência pela opção de abordagem que tenho - que é pela geografia cultural. Depois dele tem o Denis Cosgrove, geógrafo inglês que já morreu e tinha uma forma de trabalhar a geografia cultura partindo de uma visão mais crítica, mais reflexiva, sobretudo da paisagem. Ainda no campo dos geógrafos que não são brasileiros, têm alguns geógrafos espanhóis e portugueses que considero importantes, como é o caso da professora Ana Francisca Azevedo e do professor João Pimenta, que estão desenvolvendo uma leitura crítica do processo de colonialismo e pós-colonialismo. Estou falando dentro do contexto da geografia ou da abordagem que trabalho, mas logicamente que não podemos desconsiderar que a geografia brasileira é muito influenciada por Milton Santos, ele conseguiu dar um enfoque inovador para o pensamento geográfico a partir do Brasil e o considero muito importante.

E-L: Como analisa a evolução do pensamento geográfico brasileiro a partir dos anos 70 do século XX?

MG: Essa evolução tem que ser analisado no interior do que Renato Ortiz denomina de mundialização e também no contexto das mudanças ocorridas no meio técnico-científico-informacional. Nos anos 70 vamos ter a agudização dos conflitos ideológicos em decorrência da Ditadura Militar e o início do processo de abertura que, para nós Geógrafos, terá o congresso de Fortaleza em 1978 como marco. Ali se expressará de forma clara uma geografia em prol de uma abordagem mais crítica, alimentada

pela corrente marxista, contra as posturas de certos geógrafos mais voltados para o planejamento, que trabalhavam em órgãos governamentais e que possuíam uma abordagem mais quantitativa da geografia.

Muitos dizem que a partir daí se estabelece uma crise, mas não sei se a palavra é crise; diria que os geógrafos tomaram consciência do contexto político e assumiram uma postura mais comprometida com as necessidades dos desfavorecidos socialmente. Vejo uma diferença entre esse momento de crítica e o que foi se desdobrando ao longo dos anos 80 e 90, ou seja, o caráter combativo, crítico e politizado foi-se reduzindo no século 21. Teria certa dificuldade para falar que nós continuamos combativos, que nós continuamos preocupados com os problemas mundiais e se nós estaríamos nos posicionando de forma engajada com as necessidades fundamentais da sociedade diante dos conflitos e crises ambientais, urbanos e dos problemas sociais de modo geral.

Penso que é emblemático o que aconteceu nos anos 80, notadamente no interior da AGB, quando se desenvolveu uma crítica muito grande ao que se fazia e ao que se pensava enquanto geografia vinculada aos interesses hegemônicos articulados pelo Estado. Contudo, com o desgaste da Ditadura Militar, e de quase todas as ditaduras latinoamericanas, paralelo ao processo de redemocratização social, o qual acabou em grande parte cooptado pelas novas forças e arranjos capitalistas articulados globalmente, isso com certeza influenciou no enfraquecimento do movimento sindical e das organizações sociais. A partir daí, a geografia que vem sendo construída, nos anos 90, desemboca na atual. Penso que existe uma visão de mundo atrelada a um novo enfoque. Onde foram parar aqueles geógrafos militantes e que tinham comprometimento com os problemas da sociedade? A geografia que mudou ou foi nós geógrafos que mudamos a nossa forma de pensar e isso reflete na geografia que estamos fazendo? Vejo que a AGB tinha um papel muito grande nesse campo de militância do geógrafo, contudo, ela mudou o perfil. Lá na AGB é onde havia os embates, havia os conflitos, as contradições. Penso que a AGB deixou de fazer um pouco este papel frente ao geógrafo e a geografia.

EL: Como analisa a geografia brasileira em relação aos demais países com que estabelece contato e desenvolve estudos?

MG: A partir de minha experiência no mestrado e doutorado, percebia a geografia na França refletindo as experiências dos franceses nos

países tropicais e como eles viam um método/forma de lidar com esta realidade. Depois disso, voltei novamente a França para fazer um pós-doutorado na geografia cultural, com Augustin Berque, que já tinha uma experiência com o Japão. Nesse outro momento identifiquei a prática de uma geografia cultural a partir de uma filosofia oriental que tentava ler o mundo e, no meu caso, ver o Brasil, um país tropical, e de como havíamos construído a nossa geografia com influências da geografia francesa. Este contato com o professor Berque foi interessante para desenvolver uma geografia sensível.

Como geógrafa brasileira, tinha facilidade para com esta geografia, mas não me restringi a apenas este contato, pois também tive experiência com Maximo Quaini, na Itália, onde passei um tempo do pós-doutorado. Ele fazia um humanismo marxista. Valorizava muito o romper com aquele marxismo mais ortodoxo, colocara o homem com um interlocutor importante para estabelecer aquela leitura da desigualdade, das contradições que ele destacava. Se não for pelo homem, entendendo e reconhecendo o homem, nunca vamos entender as contradições que vivenciamos. Isso se adequava muito bem ao que eu identificava como fruto das necessárias mudanças ocorridas com a sociedade e a geografia brasileira ao longo dos anos 80 e 90 do século passado.

A minha ida para o Canadá abriu uma outra perspectiva. Percebi que os canadenses tinham transposto a geografia francesa pra o Quebec, como nós brasileiros também fizemos, mas eles estabeleceram uma conexão com a geografia norte-americana, de caráter mais tecnicista e pragmático. Eles tinham feito esta interlocução, que muito de nós geógrafos brasileiros temos dificuldade, uma geografia humanista e ao mesmo tempo aplicada, mais voltada para o planejamento e empregando muitos modelos matemáticos. A experiência de exercitar essas técnicas para fundamentar estudos de caráter cultural, no caso a discussão dos referenciais de identidade e região a partir da migração dos ingleses para o Canadá e como a cultura inglesa se situava perante os quebequenses, que eram franceses em suas raízes. Penso que foi rica essa forma deles procurarem fazer uma geografia própria, de Quebec, estabelecendo esta interlocução com outras escolas geográficas. Isso pode ser muito importante para a geografia cultural brasileira.

Quanto a América Latina, tenho participado de todos os encontros da Geografia da América Latina (EGAL). Percebo que os brasileiros são a

maioria nesses encontros, há uma brincadeira sobre isso, que são brasileiros que saem do Brasil para assistirem brasileiros em outros países (risos). Somos vistos como um país que conseguiu implantar a geografia nas instituições e ganhar credibilidade, temos uma grande quantidade de cursos de pós-graduações em várias universidades e, com exceção da Argentina, México e Cuba, nos demais países praticamente não existe pós-graduação em geografia.

Nesse sentido, segundo eles, a geografia brasileira aparece um pouco como imperialista. Na leitura deles, nós temos uma supremacia, devido a quantidade de cursos de pós-graduação espalhado pelo território nacional. O fato é que temos uma qualidade na nossa produção e temos conseguido um destaque maior para a geografia que eles não têm. Essa é a diferença que vejo. O Milton Santos tornou-se uma referência em toda a América Latina.

EL: Como entende a distância entre a geografia universitária no Brasil comparando-a com a praticada no ensino básico?

MG: Bem. O que é hoje a universidade Brasileira? Vamos refletir: o que passou a ser solicitado da universidade e de nós professores universitários? Penso que hoje os órgãos responsáveis pelo ensino superior cobram mais do professor uma produção do que uma qualidade no envolvimento com a sociedade. O que está sendo solicitado da universidade é que ela produza e, ao considerar isso, vejo que a universidade muda, um pouco, o foco dela. Passa de algo que seria da sociedade, que teria uma função social, para uma instituição, se assim posso dizer, mercadológica. Fazendo isso, a universidade adentra numa crise, ela perde aquela força de socialização ampla do conhecimento e põe o foco em outra questão, de uma especialização em prol do retorno econômico e técnico dos seus produtos.

A Universidade está distante do Ensino Básico (fundamental e médio). Nós criticamos esse Ensino Básico, contudo, quem está trabalhando neles são formandos na universidade; quando os profissionais recém formados nos cursos de licenciaturas chegam ao Ensino Básico, em sua grande maioria não consegue reproduzir o que a princípio é o desejado. Se há essa distância entre o trabalho no ensino superior e o praticado na sala de aula do ensino básico, vejo que a universidade desviou o foco de sua função, pois a preocupação é com formação de mão de obra especializada

em competir no mercado de trabalho, que não é exatamente aquilo que se pretende com a formação do educador, esse ficou em segundo plano.

E-L: Com a geografia pode contribuir para pensar a questão da identidade?

MG: A identidade não é uma categoria geográfica especificamente, mas pode ser empregada geograficamente a partir do instante que a identidade permite uma leitura dos homens e dos espaços. Ao falar do espaço, estou me referindo a identidade territorial. Não creio que toda a geografia tenha esse interesse em discutir a identidade, seria uma abordagem mais particular, que seria esta da geografia cultural. Ao fazer esta discussão, a geografia precisa se associar a outras ciências: antropologia, sociologia, história etc., o que torna o estudo ou a aplicação do conceito de identidade altamente complexo. A abordagem da geografia cultural não tem o propósito de discutir a categoria pela categoria, mas sim ajudar a entender e explicar melhor o espaço produzido e significado pelas relações humanas, de como os homens se identificam com os lugares. Discutir identidade é muito instigante para você conhecer e interpretar melhor o que é o espaço, a região, o lugar. É o caso, por exemplo, do trabalho do Robinson S. Pinheiro¹, no qual o autor faz uma discussão da identidade a partir de uma leitura que apresenta da produção literária regional, fazendo uso desta literatura como um veículo que expressa a complexidade dos processos identitários no Mato Grosso do Sul.

E-L: Como presidenta da ANPEGE no biênio 2009-2011, como entende o papel dessa entidade para a formação do pensamento geográfico brasileiro?

MG: A ANPEGE é uma entidade que vejo um pouco diferente da AGB. Uma entidade que não mais tem o ímpeto do trabalho do geógrafo militante politicamente, porque já espera que ele venha com essa militância praticada em outras instâncias. Penso que a ANPEGE, hoje, tem

¹ A entrevistada está fazendo referência ao trabalho de Robinson Santos Pinheiro: **GEOGRAFIA E LITERATURA: DIÁLOGO EM TORNO DA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE TERRITORIAL SUL-MATO-GROSSENSE**. Dissertação de mestrado, sob orientação do Prof. Dr. Cláudio Benito O. Ferraz, defendida junto ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul em abril de 2010.

uma respeitabilidade que é importante, considerando que ela já tem mais de dez anos de existência, desde 1992. Então, é uma entidade que representa mais de 40 programas de pós-graduações, sendo 18 programas de doutorado e que tem essa preocupação de discutir o que é a formação e o papel do pesquisador.

Vejo com muita seriedade e muita responsabilidade estar diante de uma entidade que tem um perfil deste. Entendo que a entidade, em si, já configura como um mecanismo de visibilidade do que é feito nos programas, quando ela tem voz ativa na escolha de representantes que estão na CAPES no CNPQ e ela é chamada para opinar sobre assuntos que dizem respeito a produção científica do geógrafo. Espero que a entidade continue fazendo este papel, que ela não seja apenas ilustrativa, mas que seja ativa na ajuda da construção do que é a geografia. Vocês acreditam nisso? (risos).

EL: Quais seriam os principais desafios da produção científica brasileira hoje, mais especificamente a geográfica?

MG: Já mencionei aqui a importância que tem sido atribuída ao caráter produtivista no interior da universidade. Quando disse isso queria me referir que produção é considerada como um passaporte para o professor ser convidado para ter publicações de destaque, participações em mesas de congressos etc.. Com isso, levou-se a uma proliferação de revistas. Revistas que nem sempre são da qualidade desejada. Estou fazendo uma crítica ao que se espera do profissional pesquisador e também do como ele se sente diante de ter que produzir para conseguir o reconhecimento dos seus pares, ou a bolsa produtividade do CNPQ, e o preço dessa produtividade em relação ao tempo necessário para se fazer uma pesquisa com qualidade e profundidade. Esse tem sido um dilema para o professor. Diria que se tem produzido muito na geografia brasileira, contudo, não temos condição de avaliar e de conhecer o “todo” que está sendo produzido. As vezes tenho a impressão de que estamos publicando e produzindo quase sempre para o nosso público local, com pouca condição de divulgação, de debates, quase como se estivéssemos perdendo, um pouco, essa finalidade da publicação, que eu entendo ser a interlocução, o debate entre aqueles que vão ler. Difícil achar, hoje, que isso esteja sendo feito. Mas o momento é rico para a produção e como consequência para a geografia brasileira, basta ver a quantidade de livros que estão

sendo publicados anualmente. Muito positivo vejo as revistas que tem surgido, cada programa de pós-graduação praticamente tem a sua, mas a minha crítica é mais quanto a dificuldade de você ler e se interar sobre tudo o que está sendo feito. As vezes nem todos têm conhecimento do conjunto maior das discussões que permeiam a geografia, a maioria se isola em sua especialização e apenas le sobre aquilo que pesquisa. Isso é perigoso, em especial para um conhecimento amplo como o geográfico.

E-L: Fazendo uso de uma música interpretada por Mercedes Sosa: *¿É possível o Sul?*² Explicando melhor, é possível um conhecimento filosófico e científico ser gestado a partir das condições periféricas ao sistema econômico e ter como característica ser alternativo ao pensamento dominante, no caso, oriundo ideologicamente do norte?

MG: Boaventura de Souza Santos fala de uma epistemologia para o sul. Quando ele fala de uma epistemologia para o sul está respondendo a Mercedes Sosa. Concordo com ele ao criticar que nós ficamos muito ao sabor do que vem do hemisfério norte e estamos deixando que algumas vozes sejam esquecidas, marginalizadas; acredito que seja possível sim um pensamento oriundo dos saberes locais, a partir da nossa realidade e contradições.

Acredito que esteja faltando fazer uma geografia mais nossa, uma geografia que contaria com nossos próprios referenciais, mas nós ainda não estamos utilizando os saberes locais. O Boaventura quando fala dos saberes locais se refere ao fato que as universidades estão se distanciando de meio e voltando-se para os saberes oriundos do estrangeiro, do norte, dos de “fora”. Boaventura pergunta o inverso: por que não levar os saberes locais para dentro das universidades e tentarmos dialogar com eles? Aí vem aquela pergunta anterior, como tem sido nossa relação com o Ensino Básico? Nós formamos professores, mas não trazemos este professor de “lá” para “cá” depois que estão na prática, até mesmo para termos uma noção mais fundamentada entre aquilo que é ensinado nas universidades e como na prática (realidade) se deu. Isso é importante para que os professores revejam as suas práticas nas universidades.

² ¿Será posible el sur? Letra de J. Boccanera e C. Porcel de Peralta. Interpretada por Mercedes Sosa no disco do mesmo nome. Philips da Argentina, 1984.

E-L: Diante dessa possibilidade, como você analisa o pensamento de Milton Santos. Ele está organicamente vinculado com esta possibilidade de um pensar enraizado na realidade periférica ou ele é um desdobrar do pensamento monopolizante que está se dando no sul?

MG: Quando o Milton Santos escreveu o livro *O trabalho do geógrafo no terceiro mundo*, nota-se uma referência de autores de pensamento francês na obra dele, mas o seu discurso é focado para a realidade de um mundo então majoritariamente desconhecido pela Europa e as demais nações do norte dominante. Mas se você observar o desdobrar do pensamento de Milton Santos, com o tempo sua obra se distancia disso; ele não fala mais neste geógrafo do hemisfério sul. Milton Santos não tinha por hábito citar suas fontes, quem lê ele e também a uma literatura de autores franceses identifica semelhanças dos pensamentos; possíveis influências? Pelo que percebi, lendo a obra do Milton Santos, tinha coisas na fala dele que eu percebia que Foucault também falava em sua obra, ou Guattari havia expressado em *Cartografias do Desejo*. Milton Santos tem uma contribuição enorme ao nos trazer este pensamento que muito nos ajudou, no princípio, a construir uma geografia com esse tom mais brasileiro. Posteriormente penso que os geógrafos brasileiros poderiam ter começado a se posicionar mais criticamente diante do que ele fala. Também não vou culpar o Milton Santos por uma persistência institucionalizante de seu pensamento; o engessamento de qualquer pensamento é problemático para o processo de evolução do saber científico e filosófico.

E-L: Estamos localizados, o curso de geografia da UFGD, numa área de fronteira. É possível pensar na produção de um saber científico geográfico a partir dessa condição fronteiriça?

MG: Quando você me faz esta pergunta penso está se referindo a uma fronteira política/administrativa; diria que a fronteira é social e ela está onde nós a colocamos. Então, a fronteira sempre existe, ela existe por nós diante dos outros, e ela existe quando instauramos a relação sujeito/objeto. José de Souza Martins fala sobre isso, no livro dele sobre a Fronteira, de como nós nos situamos na fronteira ao estabelecermos a relação entre o “eu” e o “outro”.

Penso que a produção geográfica deva ser mais universal, mas a partir do local; ela deve ser sempre pensada e concebida de modo a ajudar

a ler a realidade, ler o mundo e fazer com que cada indivíduo reflita sobre este lugar, este local. Na minha opinião, a leitura que se faz aqui - uma geografia feita por esta fronteira - falando rapidamente, que pode ser uma fronteira daqueles que chegaram para colonizar o Mato Grosso do Sul, uma região onde havia uma população indígena. Uma geografia capaz de auxiliar na melhor interpretação dessa situação fronteiriça pode dar uma grande contribuição e avançar na reflexão de como ler tal dinâmica espacial por meio de seus conflitos e tensões. Nesse contexto, afluem elementos comuns a outras regiões, mas que aqui possuem sua singularidade, como as grandes áreas produtoras de soja, de cana, dos agronegócios e dos assentamentos. Eis aspectos locais que aparecem de outras formas no Brasil em áreas como Amazonas, Pará, Goiás etc. Uma geografia aqui produzida que pode ajudar a refletir sobre um Brasil singular, mas que é um Brasil que se reproduz também em outros locais. Há aqui um grupo que estaria refletindo sobre isso? Como os geógrafos daqui estão vendo e assumindo esta realidade e qual o papel que possuem na leitura e interpretação desta realidade? Será que aqui poderia ser um núcleo de uma geografia do pós-colonialismo?

E-L: Como a senhora entende os referenciais teóricos/metológicos que estão sendo praticados pela geografia brasileira de uma forma geral?

MG: Até alguns anos atrás tínhamos um discurso que falava haver apenas uma maneira de fazer geografia para esta ser considerada ciência. Isso mudou bastante e hoje interpreto que a geografia se enriquece com suas várias possibilidades de diálogos, inclusive a geografia brasileira ganha uma respeitabilidade frente ao cenário da América Latina, da Europa etc. pois mostra que é uma geografia que evoluiu. Só para termos uma idéia, recentemente recebemos a visita de alguns geógrafos americanos, a partir de um convênio estabelecido entre a Universidade Federal de Goiás e a Universidade da Califórnia. Nossos alunos foram fazer estágios por lá e alunos deles vieram pra cá. Ao aqui chegarem a preocupação deles era: “Vocês vão trabalhar com pesquisa qualitativa, não é?”. Estranhava um pouco e logo falava: “Sempre trabalhamos com pesquisa qualitativa”; eles respondiam: “é porque nós não queremos aquela pesquisa voltada para a quantificação, modelos etc.”. Ou seja, eles estavam cansados do referencial único da geografia quantitativa e estavam procurando, na

Universidade Federal de Goiás, algo que para eles é inovador e que para nós já está consolidado.

Quero dizer com este caso que a geografia, no instante que ela passa a usar de vários referenciais teóricos/metodológicos e dialoga com outras perspectivas e análises, ela se enriquece; e isso a geografia brasileira soube aproveitar das várias influências que sofreu das demais escolas e países que estabeleceu contato.